

No final do século Ocidente descobre a consciência culpada

ESPECIAL MARÇO 80

VILÉM FLUSSER

As formas sob as quais se manifesta a ofensiva do "Sul" contra o "Norte", que caracteriza e caracterizará o final deste século, são variáveis. Ora são guerras de libertação, ora ações terroristas. Ora são cartelizações de matérias-primas, ora infiltrações de mão-de-obra e de mercadorias baratas. Ora são invectivas ideológicas, ora religiosas. Mas, por mais variáveis que sejam essas formas, há um fundamento comum a todas elas: tanto uns quanto os outros acabam concordando que os culpados pelos ataques são os atacados. Esse consenso geral é, por certo, edificante. Quem observa, no entanto, como tal consenso comovente se forma, não pode deixar de sentir um profundo mal-estar a respeito.

A evolução do consenso, do lado do atacado, é esta: quando determinado ataque é iniciado, ele tem a reação "natural" de querer defender-se. Sob

choque, presume que o culpado é o atacante. Na medida em que o ataque se desenvolve, o atacado vai procedendo a um exame de consciência, dito "penoso", que geralmente assume a forma de polêmica em reuniões privadas, seguida de polêmica nos "media", passeatas, manifestações de contestação, distúrbios e greves. E isto provoca uma revisão da atitude inicial e do consenso de que o culpado é o atacante.

Essa é a estrutura geral e constante da reação do atacado. A única modificação nesse comportamento em face da ofensiva, é que a duração do exame penoso da consciência vai ficando sempre mais curta. Levou dezenas de anos até que se concordasse que os culpados pela invasão do Vietnã do Sul pelo vietcongue são os americanos. Levou meses até que se percebesse que os culpados pelo aumento do petróleo são as multinacionais. E

levou dias até que se descobrisse que a culpada pelo seqüestro da Embaixada americana em Teerã é a CIA.

O mal-estar provocado por tal observação nada tem a ver com a questão: quem é "de fato" culpado? É claro que quem ataca deve ter motivos para fazê-lo, e, igualmente, é claro que tais motivos não são necessariamente sempre nobres. De um ponto de vista "neutro", todo evento desta natureza exige um exame de consciência de quem quer agir honestamente. O mal-estar se deve ao fato de que esse exame opera-se invariavelmente apenas do lado do atacado, de maneira padronizada e quase automática. Trata-se, evidentemente, de fenômeno ético que não diz respeito aos eventos individuais, mas a maneira pela qual o "Norte", assume a si próprio. Há nessa atitude cultural uma diferença de acento entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Os europeus são mais hipócritas, o que não deixa de

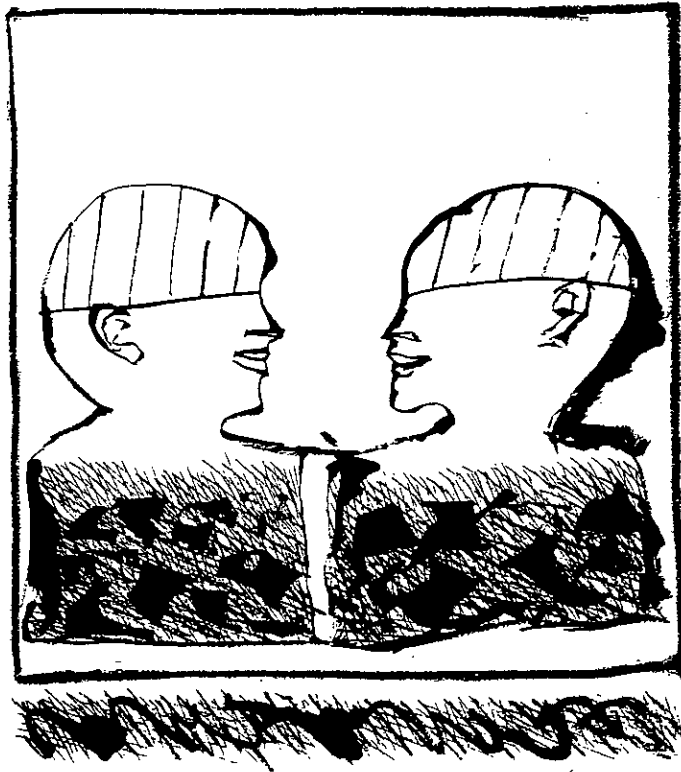
ser importante para a compreensão do fenômeno: a Europa tem a consciência mais culpada. Mas, no fundo, a reação das duas metades do Ocidente é a mesma coisa.

Também não se deve ceder à tentação de interpretar o fenômeno parabiologicamente: o Ocidente está velho e perdendo a vontade de defender-se. Essa interpretação seria nefasta. Afinal, civilizações não são fenômenos biológicos, mas humanos. Isto é: não são totalmente determinados pela natureza. Igualmente nefasto seria querer interpretar o fenômeno paternalisticamente: os ocidentais são mais conscientes daquilo que fazem que os seus atacantes. A consciência ética do homem não é resultado do seu desenvolvimento econômico, social ou político, nem sequer do seu desenvolvimento intelectual. O fenômeno exige uma interpretação mais adequada à sua "essência".

Vista na superfície, a má consciência do homem ocidental explica-se facilmente. É intolerável, pelos próprios valores ocidentais, que o Ocidente viva no conforto econômico e no gozo das várias liberdades que lhe são permitidas, enquanto o resto da humanidade vive na penúria, na opressão e na indignidade. E não é possível negar que a tal divisão da humanidade é obra do Ocidente, que dela tira proveito. Quando assumiu o poder sobre o Globo — graças à Ciência e à Técnica —, o Ocidente violentou o resto dos homens e continua a fazê-lo. A escravização dos africanos é apenas um, entre muitos exemplos.

Mas esta não pode ser a explicação correta. A opulência (e as liberdades dela decorrentes) que caracteriza a sociedade ocidental é um fenômeno recente, inteiramente excepcional na História, e já está dando os primeiros sintomas da sua efemeridade. A miséria e a opressão que definem o resto da humanidade são situações "normais", e pode argumentar-se, embora tal argumento seja sumamente antipático, que esse resto viveria ainda mais indignamente, não fosse o Ocidente. E os crimes que cometeu e continua cometendo ao exercer o seu domínio, por hediondos que sejam, não são diferentes dos crimes que a outra parcela da humanidade está cometendo. Os recentes acontecimentos na África e na Ásia - Amin Dada e Pol Pot - são exemplos disso. O que não impede que os atacantes tenham a consciência tranqüila e estejam convictos de que estão com a "razão", enquanto os ocidentais estão convencidos de que são culpados. A explicação deve ser outra.

A verdadeira razão da má consciência ocidental nada tem a ver com sua ação passada e presente sobre o resto da humanidade. Tem a ver com a descoberta, relativamente recente, de que os seus valores fundamentais são criminosos. Não é pelo que faz, mas pelo que é, que o Ocidente é culpado. Enquanto acreditava nos seus valores, toda a ação se justificava. Depois de perdida a fé, nenhuma se justifica. A descoberta da criminalidade dos valores



Clémén '70

ocidentais — padrões, ideais, modelos — é acontecimento relativamente recente, mas nem por isto é discutível. É irrevogável. Jamais a fé poderá ser restabelecida. E é por isto que o Ocidente está condenado. Não por ações que partem do resto da humanidade, mas pelo consenso que o Ocidente não merece ser conservado. Dois exemplos, entre os muitos possíveis, bastam para ilustrar a situação.

A "verdade" no contexto ocidental, é uma idéia do qual é possível aproximar-se disciplinadamente, e o discurso científico é a disciplina preferencial, senão única, por onde a aproximação se realiza. Pois a Ciência vai-se revelando "desumana" em dois sentidos: objetiva tudo, inclusive o sujeito humano, e as verdades que enuncia são sentenças não-verdadeiras, sob pena

de não serem científicas. O primeiro se manifesta em fenômenos como armas atômicas, manipulações econômicas, e, em geral, na tecnologia desumanizante. O segundo aparece como cosmovisão científica altamente formal e abstrata, portanto existencialmente inacreditável. Não é mais possível ter fé na Ciência, nem como a fonte de modificação humanizante do mundo, nem como a sua explicação. E quem perdeu a fé na Ciência, na "verdade" ocidental, perdeu fé no Ocidente.

A "liberdade" também é um ideal realizável individual e coletivamente por ação revolucionária consciente. Sociedade livre é aquela que destrói a dominação do homem sobre o homem. E tal dominação é destruída ao abolir-se o

motivo econômico que a propela. Pois o stalinismo sugeriu (e acontecimentos subseqüentes o confirmaram) que a abolição de motivos econômicos e a destruição do homem pelo homem não resultam em liberdade, e sim em opressão impessoal por um aparelho igualmente impessoal. E isso não se deve a erros de execução, pois é inerente à própria aplicação do ideal da liberdade, no sentido ocidental do termo. E quem perdeu a fé na liberdade no sentido ocidental, perdeu a fé no Ocidente.

A mesma análise pode ser feita com os demais ideais como "justiça", "amor" ou "beleza", mas os dois exemplos bastam. Se estou convencido de que a Ciência é fundamentalmente nefasta, e que a ação libertadora é basicamente tiranizadora, não apenas não posso recomendar tais métodos ao resto da humanidade, como ainda devo abandoná-los. E ao abandoná-los, abandono o próprio chão em que piso. E isto é a razão da má consciência do Ocidente: a convicção de que ela é má. Na Europa Ocidental, a consciência é pior que nos Estados Unidos, porque foi lá que ela se formou, foi lá que deu seus frutos mais nefastos. Mas isto pouco importa: o que conta é que o Ocidente, ao desenvolver os valores que lhe são fundamentais, revelou serem eles valores destruidores da dignidade humana. O "exame penoso da consciência", provocado pelos diversos ataques do "Sul", é apenas conscientização sempre renovada da descoberta anterior: o Ocidente não merece ser defendido.